

Profissionalização docente: a necessária valorização do papel de professor

Cilene R. de Sá Leite Chakur

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

OLIVEIRA, ML., org. *(Im)pertinências da educação: o trabalho educativo em pesquisa* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 193 p. ISBN 978-85-7983-022-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

6

PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE: A NECESSÁRIA VALORIZAÇÃO DO PAPEL DE PROFESSOR

Cilene R. de Sá Leite Chakur¹

Posso afirmar que meu trajeto é bastante longo dentro da área da profissionalização docente e, embora eu fique muito tocada – e acho que todos vocês também – com a situação da professora, com o lado bastante afetivo, com a poesia, a beleza do filme *Nenhum a menos* (1999), não posso deixar de falar um pouco da situação dos nossos professores, das condições que encontramos entre os professores e das dificuldades que eles passam para cumprir o seu papel. Aliás, que não é só um. A gente sabe que, na situação atual, nos dias atuais, ao professor têm sido atribuídos cada vez mais papéis, um número cada vez maior de tarefas, a gente sabe disto; e que é difícil cumprir todas a contento.

Bom, tirando alguns elementos do filme, mas me reportando à nossa situação, posso levantar alguns pontos para vocês que eu acho interessantes, ligando, então, com a nossa situação aqui do Brasil.

Muitas vezes tenho dado aulas para licenciaturas, como eu disse para vocês, eu dou aulas de Psicologia da Educação. Então, o pessoal de Letras, de Ciências Sociais, de tantos cursos – já dei aulas para

1 Pedagoga, mestre em Educação, doutora em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano, livre-docente aposentada do Departamento de Psicologia da Educação da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp, campus de Araraquara.

turmas de Psicologia em Ribeirão Preto, para Química em Araraquara e também para alunos de Enfermagem algumas vezes –, o pessoal vem buscar elementos pedagógicos para dar aula, não é? Eu faço um pequeno levantamento no início da disciplina: por que eles escolheram a licenciatura, por que eles pretendem fazer licenciatura e tal... E fico muito triste, às vezes, mas isso, graças a Deus, é no início, porque no final do curso fica ótima a coisa. Eles dizem que é assim como uma formação que eles têm a mais e que, se por acaso eles forem dar aula, isso é exigido. As matérias pedagógicas são exigidas, então, “eu já fiz, eu já estou apto a dar aula”. E a gente vê que a noção que os alunos têm quando entram... principalmente nas licenciaturas com que eu tenho tido contato, os alunos veem a educação um pouco como *bico*. E não são só os alunos. Então, eu fiquei pensando, ligando isso aí com a situação da professora do filme... A gente pode dar mil desculpas para perdoar as condições. Uma situação daquelas, de extrema penúria, não tinha ninguém que pudesse dar aulas para as crianças, então, foi uma quase criança ainda para assumir o papel de professor. Mas, como era “só por um mês” – a gente escutou isso, não é? “Mas é só por um mês!” –, então é como um *bico*, eu lembrei dessa situação que eu encontro também nas turmas de licenciatura. Parece que a professora, parece, não, com certeza a professora não assumiu o seu papel de profissional. Não sei se até o fim, mas boa parte do filme ela não assumiu o seu papel, não é isso?

Bom, esse é um dos pontos que eu queria levantar, porque a gente vê que, por alguns programas, inclusive do governo, parece que qualquer um pode dar aula. Então, é muito triste. A minha luta, durante tantos anos, é em defesa da profissão do professor, do professor como um profissional do ensino e não como aquele que quebra galho, que faz bico dentro da educação ou algo assim, então eu fiz esse “transplante”.

Outro ponto que me chamou a atenção foi quando o professor mesmo da classe foi ensinar à nova substituta o que ela teria que fazer. O que ela sabia fazer? Ela sabia cantar. Aqui temos novamente a questão da profissionalização docente, bastante discutida e estudada ultimamente (Chakur, 2000; Esteve, 1995; Gimeno Sacristán, 1995; Imbernón, 1994; Nóvoa, 1992, 1995).

Vejam os trabalhos voluntários que são feitos atualmente nas escolas. Basta você ter alguma coisa a oferecer que você é professor. Isto não pode ser aceito tão facilmente como está sendo! No meu entender, o professor é muito mais do que está por trás desse voluntarismo que está sendo solicitado nas escolas atualmente, não só nas escolas como em emissoras de televisão, com essa chamada da TV Globo etc. Acho que não é bem por aí, mas me chamou a atenção a forma como o professor da classe tentou “formar” uma adolescente para ser a professora que o substituiria em sua ausência. Simplesmente: “Você fica aí, você sabe cantar, então você tem que aprender mais uma música pelo menos e você vai simplesmente fazer a cópia na lousa e os alunos também vão fazer cópia”. Foi a instrução que o professor deu para “formar” a substituta. Eu achei isso uma barbaridade... Claro que pode existir aqui no Brasil, a gente vê pela situação de penúria existente em algumas regiões, com certeza a gente pode encontrar aqui também.

Agora, os alunos estavam totalmente no seu papel, o papel dos alunos era aquele, chamar a professora para dizer: “Olha, vem dar um jeito em fulano”, perguntar a ela. E ela simplesmente ficava do lado de fora e os alunos do lado de dentro da sala de aula. Como ela poderia fazer alguma troca com os alunos com esse muro que era a porta fechada entre eles? Isso pesa um pouco também no papel do professor. Ela realmente não assume o papel em boa parte do filme. Quando ela quer se dirigir à classe, apela para a autoridade do professor da classe, “Ah! O professor tal vai voltar”, “Olha, isso aqui não pode, porque o professor, o que será que ele vai dizer, se vocês fizerem isso, se ele encontrar isso assim, assim?”.

Essa conduta é o que a gente chama de *heteronomia* dentro do trabalho do professor (Chakur, 2001). Ele sempre fica dependendo de outra pessoa, ou da instituição, ou de um órgão, ou de uma autoridade; no caso, a dependência seria com relação ao professor da classe, ao regente da classe.

E eu fiquei analisando também a atuação, que achei incrível, da professora, essa, sim, pedagogicamente correta, bastante adequada. Foi quando ela percebeu que tinha um motivo para incentivar os

alunos, a classe, de algum modo. E começou realmente uma aula, que é a aula de Matemática. E uma aula de Matemática em que ela conseguiu envolver toda a classe, partindo de uma necessidade real, que era de viajar, angariar dinheiro e tal para viajar, para procurar o garotinho que tinha abandonado a escola. Nesse momento a gente vê a professora atuando como professora, com toda a troca, levantando o que o aluno sabia, corrigindo às vezes e tal, mas eu achei aí a parte mais bonita para a minha profissão. A mais bonita do filme, quando ela realmente consegue assumir o papel de professora.

Depois fiquei extrapolando um pouco. O que é necessário para a gente ser professor? Acho que a professora Maria Lúcia de Oliveira já falou para vocês que eu tenho alguma coisa escrita sobre o tema da profissionalização do professor; eu fiz uma pesquisa três anos atrás, sobre o desenvolvimento profissional docente (Chakur, 2001), e o que a gente está chamando de *profissionalidade do professor* é o aspecto realmente profissional, quando o professor se assume como um profissional do ensino. Então, a gente se forma e, de repente, como que num passe de mágica a gente é professor? Eu acho que não! Apenas a formatura é que nos delega este papel que assumimos tranquilamente? Eu tenho a impressão de que precisa de um bom tempo ainda para a gente assumir esse papel. Às vezes é mais rápido, às vezes, não! Isso depende não só da vontade, como também das condições objetivas que a gente tenha para exercer o papel. Porque eu já vi coisas incríveis que acontecem em sala de aula, já trabalhei muito com professores – vejo alguns deles aqui também, fico muito feliz de ver que eles estão prosseguindo na luta para a obtenção de conhecimentos, de experiência, de trocas de ideias. Fiquei muito feliz de ver vocês aqui.

Pois bem, eu estava dizendo que já tive experiência com professores que queriam de qualquer modo fazer alguma coisa diferente, queriam investir mais na profissão, queriam melhorar, se aperfeiçoar, crescer profissionalmente. E podíamos ver isto concretamente, víamos acontecendo, professor planejando... Eu participei de alguns projetos junto com professores, então pude observar isso. Só que, no momento em que se colocava em prática aquilo que tinha sido pla-

nejado, na escola o diretor não deixava: “Aqui não pode ser”. Então, é por isso que eu estou dizendo que a vontade, o esforço apenas não levam a pessoa a ser professor, é preciso também algumas condições objetivas, institucionais, de recursos estruturais etc., da escola.

Mas vou dar uma ideia dos tipos de estudos que eu tenho feito, que venho fazendo (Chakur, 1995a, 1996, 2000, 2001). Não acho que o papel do professor é só dar aula, que para ser professor é só saber dar aula. Claro que é necessário dominar o conteúdo, é necessário. Mas há muito mais coisas que atualmente são exigidas do professor e que realmente eu acho que fazem parte do seu papel. Em outra ocasião (Chakur, 2000), já arrolei algumas condutas, atitudes e habilidades que me parecem centrais ao papel do professor:

- Os professores têm que ter algumas habilidades que podemos chamar de *técnico-pedagógicas*, por exemplo, saber quais são os objetivos que ele pode colocar para suas aulas, para sua disciplina, para a série com que está lidando, como vai avaliar. Então, são estas habilidades que todo professor precisa ter.
- Outro traço é a competência em habilidades *psicopedagógicas*, no sentido de que ele tem que conhecer um pouco o perfil daqueles alunos com quem vai lidar: são crianças de que idade? São adolescentes? Então, ele tem que saber interagir com gerações que não são a dele.
- *Responsabilidade social* é outra coisa, ele tem que saber que está cuidando da cidadania das novas gerações, não é isso? Não é apenas o dar aula, como eu falei, nem ensinar um certo conteúdo.
- *O compromisso político*; eu tenho a impressão de que o principal é defender uma mudança social, as transformações sociais que levem a superar as nossas desigualdades.
- Outro elemento do papel do professor seria o *engajamento na rotina institucional*; acho que o professor tem que saber que deve preencher uma papeleta, tem que saber dos horários, das normas da escola, que, inclusive, existem as normas gerais para qualquer escola, mas há escolas que têm suas normas próprias;

então, ele tem que aprender a lidar com elas, não é? Para poder justamente fazer o controle com seus alunos.

- *E investimento na própria formação*, que eu acho fundamental, e é o que vocês estão fazendo. O professor precisa crescer, não pode parar no tempo, porque a escola não para no tempo. Vocês veem que de vez em quando baixa um pacote e a gente tem que acompanhar um pouco, o mínimo que seja, mesmo que a gente não concorde. Às vezes a gente faz coisa com que não concorda.

Outro aspecto que eu notei, além desses da profissionalidade do professor, é que essa profissionalidade não é estática, ela se desenvolve, ela segue um processo que obedece a certos níveis, níveis hierárquicos, e níveis hierárquicos em que não há volta. O professor melhora, ele não volta para pior depois, melhora num ponto, ele não volta a pior depois, naquele ponto. Desse modo, não é questão de tudo ou nada ser professor, eu tenho essa impressão pelos estudos que tenho feito. Existem, então, *níveis de profissionalidade* (Chakur, 1995b, 2001).

Observei, também, nessas pesquisas, que não basta querer mudança: “Eu quero mudar para melhor” não basta! Há professores que não querem mudar, acham que está tudo bem, que tem dado certo até agora. Às vezes até está dando certo mesmo, mas às vezes o professor não quer enxergar o fracasso, tem essa também. No entanto, mesmo aqueles que enxergam e que querem mudar para melhor, querem crescer, querem lidar melhor com o seu conteúdo, com a sua classe, com a sua profissão, às vezes não têm repertório mesmo, eles não sabem como conseguir mudança. Por isso considero fundamental o que vocês estão fazendo aqui hoje: tem que correr atrás, tem que conseguir instrumentos intelectuais. Penso que as teorias são fundamentais e sei que professor torce o nariz para a teoria. Mas acredito que elas são fundamentais – teorias educacionais, pedagógicas, psicológicas –, porque, a partir da teoria, a gente pode enxergar as questões de ensino, o lado dos alunos, enfim, o que aparece em sala de aula a gente pode enxergar melhor. Então, as palestras, os cursos são sempre bem-vindos.

Outra coisa que eu observei... Estou falando da identidade profissional do professor, o *ser professor*. Ser professor a gente também não consegue sozinho. Uma identidade profissional, como bem diz Nóvoa (1991, 1994, 1995), é sempre uma conquista coletiva. O professor tem que lidar com as suas próprias atribuições também de um modo coletivo, e vocês veem, quando vocês conversam uns com os outros, parece que existe um certo alívio: “Eu encontro no meu colega os mesmos problemas que eu tenho enfrentado”. Como é bom quando podemos socializar os nossos problemas e nossas alegrias também: “Puxa, eu dei uma aula espetacular, hoje estou me sentindo tão feliz!”, então o outro diz: “Ah! Como é que foi? O que você fez? Conta pra mim!”. A gente aprende um pouco com isso também, com essa troca. Assim, a identidade profissional não é só de âmbito individual, mas diz respeito ao coletivo docente. E a cooperação entre os professores é sempre bem-vinda dentro da escola.

E, talvez, a última coisa que eu vá conversar com vocês – já eu estou me alongando muito –, é que... vocês sabem que a nossa profissão não é valorizada. Tanto não é que, voltando ao filme... tanto não é que basta uma criança, uma adolescente de 13 anos, para tomar conta das outras crianças que a educação está assegurada. Não queria ser tão dura assim com o filme, mas, enfim! É lindíssimo, é belíssimo, mas, para a minha leitura, foi isso que achei provocativo: a falta de valorização em todos os âmbitos do trabalho do professor. Isso aí é uma tristeza, não é só culpa nossa, mas é um pouco. Isso é histórico, a gente sabe disso. Antigamente, professor era o intelectual supervalorizado, que era chamado para os grandes saraus de antigamente, convidado sempre de honra nas reuniões, inclusive de governo, da comunidade, ele tinha uma posição de honra. Atualmente, meu Deus, às vezes alguém pergunta “O que você faz?”, e aí a gente fala bem baixinho “Eu sou professor”, com medo de falar que é professor e o outro pensar “Nossa, podia ser algo mais que isso!”. É mais ou menos por aí, não é?

Mas penso que um pouco da culpa cabe realmente a nós mesmos, porque nós nos deixamos explorar. Já escutei de professores, por exemplo, professor de Matemática falando para mim: “Faltou professor de Geografia eu fui dar aula, porque não tinha ninguém”.

Quer dizer, é “quebra-galho”. Então, eu acho que as coisas precisam mudar e, para mudar, para a revalorização do nosso papel, da nossa profissão, isso depende em grande parte de nós mesmos. De nos recusarmos a aceitar atribuições que nos são dadas, certas tarefas. Eu só vou dar um pequeno exemplo para vocês: numa escola em que trabalhei com um projeto de pesquisa e intervenção (Marin, 2000), os professores vinham mais cedo para dar aula, porque eles é que tinham que limpar a classe. Eles tinham vergonha, é claro, porque isso não é papel deles, então tinham um pouco de vergonha. Arrumavam uns dois, três alunos para ajudar. Faz de conta que são os alunos que estão fazendo. E os alunos ajudavam a limpar a classe, varriam, passavam pano, limpavam a lousa, faziam tudo, juntamente com o professor. Perguntei a um deles “Por que você faz isso?” e ouvi “Porque não tem ninguém que faça!”. Penso que, se ficarmos cobrindo a atribuição do outro, realmente a escola se acomoda e não faz mais nada. Acomoda-se e vamos continuar fazendo o papel do outro. E a mudança nessa valorização, acredito que depende de nós. Vocês estão fazendo uma parte, contribuindo para essa valorização, com esse interesse, essa preocupação, com o enriquecimento da formação de vocês, que eu acho fundamental. Então, dou aqui os parabéns para a professora Maria Lúcia de Oliveira, por estar contando com um número tão grande de interessados. Acho que ainda existe esperança na Educação. É só. Obrigada.

Referências bibliográficas

- CHAKUR, C. R. de S. L. *Desenvolvimento profissional docente: contribuições de uma leitura piagetiana*. Araraquara: JM Editora, 2001.
- _____. (Des)Profissionalização docente e formação continuada: situação e perspectivas atuais. In: LEITE, C. D. P.; OLIVEIRA, M. B. de; SALLES, L. M. F. *Educação, Psicologia e contemporaneidade*. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 2000. p.71-89.
- _____. Prática docente: construindo o processo. In: BICUDO, M. A. V.; BERNARDO, M. V. C. (Org.). *Núcleos de Ensino: um projeto de educação continuada*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1996. p.103-119.

- _____. Trabalho docente nas séries finais do 1º grau: um exemplo de construção coletiva da profissionalidade. *Doxa – Revista Paulista de Psicologia e Educação*, Araraquara, v.1, n.1, p.115-128, 1995a.
- _____. Níveis de construção da profissionalidade docente: um exemplo com professores de 5ª a 8ª séries. *Cadernos CEDES*, Campinas, n.36, p.77-93, 1995b.
- ESTEVE, J. M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, A. (Org.). *Profissão professor*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995. p.93-124.
- GIMENO SACRISTÁN, J. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). *Profissão professor*. 2.ed. Porto: Porto Editora, 1995. p.63-92.
- IMBERNÓN, F. *La formación y el desarrollo profesional del profesorado: hacia una nueva cultura profesional*. Barcelona: Graó, 1994.
- MARIN, A. J. (Coord.). *Desenvolvimento profissional docente e transformações na escola*. Araraquara, 2000. Relatório de Pesquisa. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras/FAPESP.
- NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). *Profissão professor*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995. p.13-34.
- _____. Les enseignants: à la recherche de leur profession. *European Journal of Teacher Education*, Abingdon, v.17, n.1/2, p.35-43, 1994.
- _____. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p.13-33.
- _____. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n.4, p.109-39, 1991.

Filme

- NENHUM A MENOS. Direção: Zhang Yimou. Roteiro: Xiangsheng Shi. Intérpretes: Wei Minzhi, Zhang Huike, Tian Zhenda, Gao Enman, Sun Zhimei. Produtoras: Bejing New Picture Distribution, Columbia Pictures, Film Productions Asia, Guangxi Film Studio. Bejing: Columbia Pictures, 1999. 1 DVD (106 min), son., color.